

NEGAÇÃO IDENTITÁRIA NO CONTO “INCIDENTE NA RAIZ”, DE CUTI (LUIZ SILVA)

Maria Ismênia Lima

Universidade Estadual da Paraíba- ismenialima302@hotmail.com

Resumo: O presente artigo pretende analisar a partir do conto “Incidente na raiz”, de Cuti (Luiz Silva), a questão da construção da identidade negra em nossa sociedade, tendo em vista que pertencer a um meio social requer a autoafirmação e o reconhecimento do ser enquanto sujeito de sua história. Nesse sentido, pensar a identidade negra é, antes de mais nada, pensar a trajetória de um povo e de uma cultura que ainda está em processo de afirmação e de busca pela a igualdade nos mais diferentes espaços da sociedade. Teceremos assim, uma reflexão sobre a influência do meio social e das estruturas para o reconhecimento, aceitação e valorização do sujeito enquanto pertencente a uma determinada raça ou etnia.

Palavras-chave: Identidade negra. (NÃO) /aceitação. Conto.

1- INTRODUÇÃO

Impor uma identidade a alguém é desrespeitar sua subjetividade, sua liberdade de escolha; é impedi-lo de se autoafirmar e manifestar o sentimento de pertença a um grupo, comunidade ou nação
(Maria Aparecida dos Reis).

O Brasil é um país formado pela junção e confluência de muitas raças e povos, com culturas e costumes diversificados que acabaram contribuindo para a formação social e cultural que conhecemos hoje. No entanto, ao longo desse processo formativo, o povo e a cultura negra foram marcados pela exclusão e o silenciamento, através da imposição do regime escravista que os transformou em objetos, mão-de-obra barata, delegada a servir e a ocupar um lugar de inferioridade dentro da estrutura social.

Nesse sentido, a presença do negro enquanto parte da sociedade não foi considerada, e seu pertencimento a um povo e a uma cultura determinada acabou por fazer com que fosse relegado ao apagamento. Assim, pensar na história e na presença da pessoa negra na sociedade brasileira é pensar, antes de mais nada, em um longo processo de exclusão e negação, onde o próprio negro exigiu e ainda exige o posicionamento crítico e afirmativo de valorização de si mesmo e de sua cultura, frente a uma sociedade que muitas vezes não aceita sua presença e o exclui.

Na literatura, Proença (2004) lembra-nos que durante muitos séculos, o negro foi representado por meio de uma imagem estereotipada. Os personagens negros e



descendentes de negros eram travestidos de maneiras variadas, de forma que nenhuma mostrava o sujeito negro como protagonista de sua própria história. Além disso, os personagens não tinham voz própria, era sempre o branco que falava por eles, ou, quando eles assumiam o protagonismo, procuravam sempre se parecer com o branco, em uma atitude de negação de si mesmos e de sua história.

Dessa maneira, temos como objetivo analisar o conto “Incidente na raiz”, do escritor Cuti (Luiz Silva) procurando refletir como a identidade da pessoa negra se apresenta e se constrói ao longo da narrativa. Partindo desse pressuposto, contaremos com o apoio teórico de autores como Fonseca (2006), Gomes (2008), Proença Filho (2004), Hall (2014) e Bauman (2005).

2 - A representação do negro na sociedade brasileira

Pensar a representação do negro ao longo da história do Brasil é retornar ao passado, ao período escravocrata, onde o negro não tinha lugar na sociedade, não tinha história, não se pertencia. Ao serem tirados à força de sua própria terra e trazidos para o Brasil, os povos africanos viveram desde o primeiro momento um processo de desterritorialização e de uma forçosa negação de suas identidades, enquanto seres humanos, com direitos, cultura e valores.

Chegando ao Brasil, os povos africanos passaram por um processo escravista, em que a sua presença não tinha nenhuma significação, a sua humanidade não era respeitada, uma vez que tiveram a liberdade negada e eram vistos e tratados como meros objetos, mão-de-obra barata. Passando assim, por um processo de “coisificação”, os africanos eram submetidos a toda forma de submissão e inferiorização, cabendo-lhe, portanto, o silenciamento.

Após o período da escravidão, a presença do negro na sociedade não passou por grandes transformações, pois, apesar de não ser mais forçado a trabalhar como escravo, os negros não alcançaram nenhum tipo de reconhecimento, continuando a ser tratados com indiferença. Ao ser submetidos a outra realidade, agora sem a presença da força e das amarras do regime escravocrata, os negros se perceberam em uma condição que não abria espaço para a sua inserção, uma vez que o ideal escravista tinha cessado política e oficialmente, mas não tinha mudado ideologicamente, pois as pessoas e também as camadas sociais continuavam carregando o conceito discriminatório e preconceituoso



contra os povos negros, de modo a destinar-lhes um lugar periférico na sociedade.

Segundo Fonseca (2006):

“Livre da escravidão, mas vitimado por intensa pobreza e preconceitos e não protegidos por qualquer política de integração à sociedade, ficou à margem dos projetos de identidade nacional ou neles só pôde figurar enquanto força de trabalho, que sustenta a mesma ordem que o exclui” (p. 90)

Visto como parte inferior do povo, o negro foi ignorado quando surgiram os movimentos de feição nativista que tomaram o índio como o símbolo da identidade do país. Apesar que a representação que fizeram deste muitas vezes envolvia a construção de um emblema de natureza exuberante e soberana, visto à distância, servindo de pano de fundo para o idealismo nacionalista. Por isso, mesmo em projetos de feição ufanista que exaltavam acriticamente os valores e tradições nacionais, percebe-se uma ideologia de exclusão do diferente, que aprisiona o negro em lugares e funções marginais (FONSECA, 2006). Nesse sentido, Hall (2014) ressalta a influência que a sociedade exerce sobre a construção identitária dos sujeitos, fazendo com que eles busquem se inserir no meio social e ao mesmo tempo tracem um perfil que os diferenciem dos demais sujeitos.

Estando à margem da sociedade, o negro teve sua imagem pintada sob diferentes tensões, desde a escravocrata, em que se mostrava uma relação de “passividade” entre senhores e escravos, de modo a mostrar um certo clima harmônico, sem divergências, até outra visão em que ele não tinha visibilidade alguma, sendo relegado à própria sorte na linha de exclusão, cabendo-lhe assim, o silenciamento. Nesse sentido, podemos retomar o pensamento de Bauman (2005) que fala sobre a imposição de identidades pela sociedade, que por sua vez, faz com que os sujeitos acabem por ser privados de manifestar as suas preferências e ideais.

Perceber, portanto, nos processos de harmonização das diferenças, as estratégias de ocultação da violência praticada contra os negros, bem como os modos de sua inserção no modelo de nação privilegiado, faz parte do esforço de se repensarem as representações de negro e de negrura que continuam a circular em nossa sociedade, mais de cem anos depois de abolida, por lei, mas não de fato, a escravidão negra no Brasil. (CARVALHO, 1998, p. 78 *apud* FONSECA 2006, p. 92)

Com o processo de construção de uma identidade brasileira, a imagem do negro foi sendo construída pela classe branca dominante com uma imensa gama de



preconceitos. Apesar de o Brasil ter passado a partir da metade do século XX a reconhecer-se como mestiço, admitindo a pluralidade étnica de sua população, isso não significou o fim do preconceito, pois acentuou-se significativamente nessa face mestiça toda uma construção simbólica que definia o modo com que os afrodescendentes passaram a ser vistos. Nesse sentido, os traços físicos que os difere da classe dominante acabaram sendo utilizados para legitimar o olhar discriminatório lançado sobre eles. A imagem passou a ser utilizada como um meio de justificar as opiniões e o modo com que os negros e seus descendentes eram tratados.

3.0 – A representação da identidade negra: Uma leitura do conto “Incidente na Raiz”

O conto “*Incidente na Raiz*”, foi escrito pelo professor e poeta Cuti, pseudônimo de Luiz Silva. Sua obra é marcada pela defesa de uma literatura que focalize a questão da presença do negro no Brasil, procurando refletir sobre a sua condição nos mais variados espaços sociais. Como resultado de sua trajetória como escritor, Cuti tem mais de 15 livros publicados, entre contos, poesias, peças de teatro e ensaios. Foi um dos fundadores e membro do Quilombhoje-Literatura, de 1983 a 1994, e um dos criadores e mantenedores da série Cadernos Negros, de 1978 a 1993.

“*Incidente na raiz*” narra a história da personagem Jussara, uma jovem negra que não se reconhece enquanto tal e por isso busca fazer vários procedimentos estéticos visando apagar ou camuflar os traços físicos que revelam a sua pertença a raça negra. O narrador começa por descrever a situação em que a personagem se encontra:

Jussara pensa que é branca. Nunca lhe disseram o contrário. Nem o cartório.

Percebemos que há em torno de Jussara a construção de um sentimento de negação da própria identidade. Ela não se reconhece enquanto mulher negra, a referência que tem de imagem positiva é a da classe dominante, a branca, o seu pensamento segundo o narrador, é o de uma jovem que procura para si algo que não lhe pertence efetivamente. Segundo Gomes (2008) o sentimento de negação é um componente do processo identitário do negro brasileiro ao longo dos séculos, uma vez que ele se deu inicialmente em uma relação baseada em exploração e objetificação, situação estabelecida no período colonial brasileiro através do regime escravocrata, que



não possibilitava a afirmação das características físicas e nem dos gostos e preferências individuais, o que havia era a concepção homogeneizadora dos diferentes povos e etnias africanos, todos vistos como um só povo.

Com relação à questão da influência social na construção da imagem do negro, Proença Filho (2004) aponta que ao longo de nossa história literária, a representação do negro se deu de várias maneiras, sendo que grande parte era embasada em estereótipos. Isso presentifica-se principalmente, a partir do século XIX e em diferentes variações até os dias atuais. Não havia um comprometimento em retratar a especificidade dos personagens negros, pelo contrário, havia mais a preocupação em incutir ideologias formuladas pela classe dominante. Além disso, os personagens eram retratados através do olhar do branco por meio de uma visão distanciada e dificilmente eram mostrados como sujeitos da enunciação.

Segundo Proença Filho (2004) negro só se torna sujeito de sua enunciação efetivamente a partir de vozes precursoras nos anos de 1930 e 1940, fazendo com que surgissem nos décadas seguintes, vários grupos de escritores negros ou descendentes de negros que tinham como objetivo marcar em suas obras a afirmação da cultura negra, bem como mostrar a realidade do negro na sociedade brasileira. Esse engajamento fez com que os negros passassem a ter voz dentro do âmbito literário, iniciando então um novo tempo em que há um pensamento voltado para a discussão sobre as representações e o lugar dos sujeitos nas construções sociais.

Nesse sentido, percebemos que o texto é resultado de seu tempo, refletindo assim a ideologia da sociedade dominante, seus valores, sua forma de lidar com os sujeitos e toda a estrutura em que ela está ancorada. Nesse sentido, a literatura tem esse poder de refletir por meio das palavras o presente, o passado e o futuro, tornando o mundo compreensível.

Em “Incidente na raiz, a personagem demonstra uma preocupação em esconder ou mesmo desfazer os traços que possa identificá-la enquanto pertencente à raça negra. É o que podemos perceber no trecho abaixo:

No cabelo crespo deu um jeito. Produto químico e, fim!
Ficou esvoaçante e submetido diariamente a uma drástica auditoria no couro cabeludo, para evitar que as raízes pusessem as manguinhas de fora. Qualquer indício, munia-se e pasta alisante, ferro e outros que tais e...

Jussara faz uso de variados recursos para esconder sua verdadeira imagem, escondendo assim, as características que podem significar sua exclusão diante da



sociedade, bem como sua inadequação diante dos padrões estéticos impostos pelos brancos. Os traços físicos são uma marca de pertencimento e identificação dos sujeitos em relação à determinada raça, etnia ou grupo. Nesse sentido, pensando a imagem dos negros e afrodescendentes, percebe-se que há um posicionamento ideológico por parte da sociedade visando legitimar uma realidade em que a imagem negra seja vista como algo negativo e feio, que se afasta totalmente dos padrões “ideais” de beleza socialmente valorizados. Sobre isso, Gomes (2008, p. 126) afirma que:

O corpo e o cabelo podem ser tomados como expressões visíveis da alocação dos sujeitos nos diferentes pólos sociais e raciais. Por isso, para alguns homens e mulheres negras, a manipulação do corpo e do cabelo pode ter o sentido de aproximação do pólo branco e de afastamento do negro.

No prosseguimento da narrativa, percebemos que o desejo de Jussara de interferir no próprio corpo é algo advindo não exclusivamente dela, mas da mãe. Esta, na infância de Jussara, já negava a aparência da filha, ao querer afinar-lhe o nariz utilizando pregadores de roupa. Essa prática demonstra a complexidade da negação da identidade étnico/racial dentro do conto, fazendo com que se perceba que a não-aceitação é algo marcante dentro da história familiar e pessoal da personagem, já que a própria mãe não a reconheceu enquanto pertencente à raça negra. O problema do preconceito racial é algo que está enraizado na concepção ideológica da mãe de Jussara, que pode indicar uma influência ou mesmo a internalização de conceitos discriminatórios, que têm como objetivo fazer com que o sujeito negro se perceba como inferior perante as características físicas dos sujeitos da classe dominante.

Jussara também não gosta do tamanho dos próprios lábios e nem da cor da pele, chegando ao ponto de passar creme e pó para conseguir clareá-la. Prosseguindo a narrativa, percebemos um momento em que um dos desejos de Jussara pode se realizar:

Lá um dia, veio alguém com a notícia de "alisamento permanente". Era passar o produto nos cabelos uma só vez e pronto, livrava-se de ficar de olho nas raízes. Um gringo qualquer inventara tal fórmula.

Após se submeter ao alisamento, Jussara passa mal por causa das queimaduras causadas na cabeça e vai parar no hospital. Nesse novo ambiente acontece o momento em que a personagem se depara com a própria imagem:

Na manhã seguinte, ao abrir com dificuldade os olhos, no leito do hospital, um enfermeiro crioulo perguntou-lhe:



Ao entrar em contato com alguém da mesma cor, Jussara é reconhecida. Sua imagem e pertença se desnuda em sua frente. O enfermeiro, que é crioulo, é o responsável por falar a Jussara o que a sociedade e ela própria fazia questão de negar, a sua identidade enquanto negra. Esse momento pode ser percebido como o instante de reflexão e ao mesmo tempo de vislumbramento por parte de Jussara, pois ela tem a chance de se perceber efetivamente, de modo a quebrar a carga de preconceito que ela carrega sobre si mesma, sobre sua imagem. É uma oportunidade de se pensar o quanto a sociedade é capaz de influenciar o indivíduo e de querer moldá-lo segundo ideais muitas vezes preconceituosos, excludentes e mantenedores de realidades que buscam inferiorizar os sujeitos ou negar sua identidade.

4.0 – Considerações finais

Através da leitura e análise do conto “Incidente na raiz”, percebemos que a questão do reconhecimento e aceitação de si mesmo é algo que passa também pelo outro, pela sociedade. Esta impõe ideologias sobre o valor dos sujeitos baseado em preconceitos e discriminações que fazem com que muitas vezes os sujeitos sejam manipulados e se vejam como inferiores, estranhos perante a maioria dominante. Isso acontece principalmente com os grupos e raças marginalizados historicamente, como os negros, por exemplo, que permaneceram durante muito tempo sendo representados por estereótipos dentro do contexto literário brasileiro e também nos diversos espaços da sociedade.

Desse modo, o que se pretende é que haja um posicionamento reflexivo sobre o papel de cada indivíduo na sociedade, de modo a repensar o lugar de cada um e a importância do reconhecimento e afirmação da identidade do sujeito. Assim, os indivíduos poderão refletir sobre as barreiras construídas por concepções ideológicas ultrapassadas e que não têm compromisso em fomentar a união e o respeito entre os sujeitos, de modo que a individualidade, os traços físicos e a cultura e origem do outro não sejam tomados como motivo para inferiorizar e discriminar.

Referências bibliográficas



PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: **Estudos avançados**. São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-163 apr. 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). Visibilidade e ocultação da diferença. In: **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vechchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.